

# Rizoma

Tendência Libertária Autônoma



## APRESENTAÇÃO

*Textos selecionados por LuzVermelha.*

## O que é rizoma?

Na botânica, o termo Rizoma se refere ao caule polimorfo capaz de dar origem a diferentes ramos – floríferos, folíferos ou raízes –, normalmente situado abaixo da terra e dotado de crescimento horizontal. Em 1980, no livro *Mil Platôs*, Gilles Deleuze e Félix Guattari se apropriaram do rizoma botânico para corporificar um sistema filosófico desprovido de raízes fundamentais, que se articula como rede integrada em que todos os elos ao mesmo tempo sustentam e derivam dos demais. Abordagem complexa e inovadora, o rizoma preocupa-se em delinear multiplicidades no nosso mundo, em mensurar as linhas subterrâneas que as perpassam, defini-las por estratos e segmentaridades, por associações e por conflitos. Abre, o rizoma, a possibilidade de se perseguir o traço que necessariamente se conecta a outros traços – o lócus onde tudo está em relação com tudo: “um rizoma não cessaria de conectar cadeias semióticas, organizações de poder, ocorrências que remetem às artes, às ciências, às lutas sociais.”

Outros pensadores endossam a inteligibilidade do rizoma. E dentre esses o mais conhecido é Michel Foucault.

Igualmente atento as multiplicidades, Foucault estudará os conflitos e associações entre as forças sociais, as assimetrias de potência e de estratégias entre elas, os embates históricos e espaciais pelo exercício do poder. No livro *Vigiar e Punir*, de 1975, Foucault demonstrará como o poder nunca é exercido por uma força única e estritamente repressora. O poder envereda-se por vários grupos distintos, mediante uma série de diferentes dispositivos e mecanismos, ordenando os corpos, criando prazeres, exorcizando as almas, produzindo riquezas.

Caso articulemos o rizoma de Deleuze e Guattari ao poder de Foucault numa análise de nosso próprio tempo e espaço, a apreensão de traços ocultos (ou melhor, ocultados) de nossa sociedade torna-se possível.

Em São Paulo atual, a partir desse prisma, nota-se de imediato que existe um estrato social bastante discernível e seletivo que exerce e legitima o poder. São alguns grupos especializados e dinâmicos, e que existem em recíproca associação: os governantes executivos do estado, as chefias

legislativas e burocráticas, grupos de juízes, desembargadores e promotores do judiciário, investidores e especuladores de grandes fundações e empresas, pesquisadores e cientistas alinhados aos interesses da acumulação, setores midiáticos conservadores, as altas patentes militares – o exercício do poder fia o tecido subterrâneo que os associa.

Efetivamente, poucos lugares reproduzem de maneira tão completa essa associação como a Universidade de São Paulo: os altos cargos burocráticos da reitoria são nominados pelo governo do estado do PSDB; juntos, ambos advogam a submissão do amparo à pesquisa a critérios mercadológicos, ao mesmo tempo em que impõem padrões empresariais de produção e convívio acadêmico; professores titulares tecnicistas garantem a perpetuação desse projeto nos seletos conselhos universitários; o desenvolvimento dessa universidade – empresarial e capitalizada – induz a presença de muros, fardas e armas, sempre legítimas para algum juiz da ordem e do patrimônio; setores conservadores da mídia veiculam esse projeto como “inovador” e “modernizador”; empresas prestadoras de serviços terceirizados à universidade (como a União e a BKM), fundações privadas com sedes no campus (como a FIA e a FIP), e grandes empresas beneficiadas com a pesquisa mercadológica (como a Volkswagen e a Bayern) apóiam institucional e financeiramente a perpetuação da reitoria e dos gestores do estado, terminando o circuito.

Embora a USP seja talvez o mais perfeito exemplo de oligopolio empresarial e institucional, tal padrão de associação existe em todo tecido social na contemporaneidade, percorrendo outras universidades, juízes, burocratas, empresas, bancos, polícias, governantes...

A mobilização estudantil nos últimos anos, realizada tanto na USP como em várias outras universidades brasileiras, desafia concretamente esses circuitos oligárquicos, uma vez que os exclui do espaço universitário, opondo a seus padrões empresariais e a seus saberes de mercado a solidariedade da auto-gestão a liberdade de criação que só o convívio horizontal pode possibilitar.

É essa oposição concreta que motiva as prisões e os processos criminais, as expulsões, as demissões, as difamações difundidas pelos latifundiários da informação, as agressões nos

nossos espaços de convívio.

É, todavia, também por causa dessa oposição que um outro circuito de associação entre grupos se ramifica subterraneamente, em oposição ao estrato social oligárquico por se realizar no exercício e na reflexão de práticas de resistência – e não na reafirmação das relações de dominação.

Em outras palavras, se há ramos que percorrem o gabinete do governador, passam pela mesa do reitor e alcançam a salinha do delegado, existem também ramos que podem vir a integrar os alvos dessa dominação nas práticas de resistência, renovando-lhes as possibilidades de um modo de vida mais autônomo e mais justo. Os estudantes mobilizados das mais diversas universidades, os funcionários e os operários combativos, os intelectuais realmente críticos, grupos de juízes democráticos, entidades sindicais e estudantis não aparelhadas, grupos partidários externos ao Estado e ao teatro democrático, meios de comunicação livres, movimentos sociais que reivindicam moradia, terra ou trabalho – esses grupos dividem o peso das opressões impostas pelas elites, ao mesmo tempo em que se unem nas perspectivas de um futuro melhor.

Analisando o exercício do poder em nossa sociedade atual pela ótica do rizoma, assim, percebe-se que múltiplas forças sociais compõem dois conjuntos maiores que existem em conflito: de um lado, o circuito oligopolista que elabora os critérios para se discernir o que se pode e o que não se pode fazer, que possui a legitimidade para internar e encarcerar, que se apropria dos espaços e do trabalho coletivo em nome de valores como “democracia” e “ordem”; e do outro lado o círculo da resistência, mais volátil e constantemente ameaçado, que se expressa de diferentes formas para garantir autonomias básicas, para assegurar seus espaços de convívio e confraternização, para dar sobrevida a suas tradições de arte, de produção, de conduta.

É evidente que a relação entre esses dois pólos maiores é complexa e multiforme, e em última instância depende das associações e dos conflitos menores que cada multiplicidade social desenvolve com as demais. É evidente também que esses dois conjuntos não correspondem a totalidade da sociedade: entre eles se situam outras diversas multiplicidades sociais, que oscilam entre os dois pólos e jamais podem julgar-se neutras.

Todavia, parece inegável também que nos últimos anos

essa polarização só se fez aumentar, e conflitos como em Pinheirinho são exemplos reais das novas tendências de radicalização que se abrem.

Nesse processo de radicalização que prenuncia mudanças sociais, os estudantes libertários podem e devem aparecer como agentes sociais relevantes. Podem porque detêm o privilégio de desfrutar de uma formação com potencial de crítica a nossa sociedade, além de estarem livres de parte das coações que inibem e domesticam a maior parte do povo. E devem porque é fundamental para o tempo de hoje que grupos pensem e experimentem novos modos de vida coletiva, tornando assim mais aguda a oposição aos modelos consumistas e artificiais que ainda nos dominam. Em suma, os estudantes autônomos e libertários podem contribuir socialmente criando possibilidades – mesmo que encerradas numa curta duração – de ruptura com as tradicionais cadeias de hierarquia, de superação dos espetáculos e das simulações do capitalismo, estimulando a autogestão e a cooperação, valorizando concepções não mercadológicas da arte, do espaço, da vida.

É diante dessas perspectivas que nos organizamos na USP: para solidificar uma tendência libertária e horizontal entre os estudantes, que transcenda as tradicionais expressões partidárias da esquerda e sugira novas possibilidades de criação e reflexão frente a um conflito cada vez mais tenso. Um coletivo estudantil que rompa com as noções de vanguarda para erigir as bandeiras de autogestão, de democracia direta, de formação coletiva teórica, de emancipação dos espaços públicos. Um grupo ativo, um grupo libertário, um grupo de estudantes.



## Por que tendência libertária e autônoma?

Antes de apresentar o resultado de nossos debates sobre o que é o Rizoma, achamos importante destacar algumas ressalvas: não temos a intenção de apresentar definições imutáveis e não queremos nos apegar a conceitos rígidos. Apesar de entendermos que não são as definições que engessam os coletivos, defendemos que os conceitos e as definições devem sair de nossas práticas coletivas, e servir para o fortalecimento destas, possibilitando a construção de discursos que expressem reflexões e legitimações acerca da nossa ação. Isto é, entendemos que as definições aqui apresentadas são somente uma única foto de um longo filme. Queremos construir um coletivo dinâmico, em permanente construção, que mantém uma autocrítica e se renova constantemente: o Rizoma não é, está sendo.

Exatamente por intencionarmos que o nosso grupo seja fluído e aberto a mudanças, escolhermos o conceito de tendência para nos definir. Tendência porque queremos que as ações e as reflexões de nosso grupo tendam a um horizonte político, no caso, ao horizonte da vertente libertária. Tendência porque o que nos une são alguns acordos metodológicos e programáticos – alguns consensos sobre os fins que queremos, e sobre os devidos meios. Tendência porque entendemos que através de nossa atuação na microrealidade universitária, podemos contribuir de maneira rizomática em lutas mais amplas. Tendência porque entendemos também que é necessário termos compromisso e respeito coletivo nesta caminhada afim de que ela se dê da melhor maneira possível – somos contra a disciplina como meio de domesticar os corpos, mas defendemos sim a importância do compromisso, do “procedê”, de se cumprir as tarefas com as quais nos comprometemos individualmente e coletivamente. Todavia, gostaríamos muito de frisar que visamos a leveza, de maneira alguma entendemos que o Rizoma deva funcionar como um partido tampouco como uma seita – não queremos um grupo uniforme nem uniformizado! O Rizoma que viemos nos esforçando para construir nestes seis iniciais meses não é um coletivo restrito a pessoas de uma determinada posição ideológica ou filosófica; o Rizoma que queremos é tão somente um grupo de estudantes que participam do movimento

estudantil e compartilham alguns objetivos e alguns métodos de luta. Queremos sim influenciar o movimento fortalecendo algumas práticas e aspectos específicos deste, todavia, não queremos impor nossas posições e cooptar pessoas tanto quanto não queremos somente aceitar ou negar posições de outros. Não queremos ser nem a vanguarda, tampouco a retaguarda do movimento. Queremos propor, criticar e construir coletivamente; ombro a ombro.

Ao dizermos que o Rizoma não é restrito a uma determinada corrente político-ideológica não queremos de maneira alguma negar que temos sim proximidade com algumas correntes, como por exemplo, com diferentes linhas do anarquismo, com o situacionismo, com o autonomismo, com o zapatismo, com algumas linhas heterodoxas do marxismo (autonomistas, conselhistas, lefebvrianos...). Queremos sim deixar claro que o Rizoma é uma tendência, não um partido; que é um determinado setor do movimento, não um grupo político. Sendo assim, achamos sim ser necessário termos alguns objetivos de longo prazo, alguns horizontes convergentes, entretanto, sem deixar que estes acordos engessem o grupo. É aí que entra a segunda parte da definição do Rizoma: por que libertária e autônoma?

Libertárixs porque somos contra todas as formas de opressão, sejam elas econômicas, políticas, ideológicas etc. Somos contra a dominação Estatal (antiestatistas), somos contra a exploração capitalista (anticapitalistas), somos contra as opressões étnicas, de gênero e de orientação sexual e somos contra as instituições e ideologias disciplinares, que nos tornam servos doces. Somos libertárixs porque entendemos que somente através da ação direta, somente com xs próprios oprimidxs realizando as suas lutas sem depender nem contar com representantes, é possível conquistarmos avanços rumo a uma sociedade sem dominação. Somos libertárixs porque entendemos que devemos começar a construir agora, através de nossas lutas, a sociedade em que queremos viver amanhã – e por isto, defendemos a autogestão e a democracia direta como formas organizativas. Somos libertárixs porque entendemos que a minha liberdade individual é estendida ao infinito quando se encontra com a do outro, isto é, porque entendemos que a liberdade individual tem que ser complementar a liberdade coletiva. Somos libertárixs porque reivindicamos a liberdade

social, não a liberdade egoísta do senso comum liberal. E somos libertárixs também porque entendemos que somente com uma ampla aliança entre os movimentos sociais dos diferentes setores populares é possível a transformação que tanto desejamos.

E por sermos libertárixs, não queremos aparelhar lutas nem cooptar militantes. E por sermos libertárixs, nos identificamos com as diferentes lutas populares históricas e contemporâneas contra esta sociedade de dominação. E por sermos libertárixs, entendemos que deve haver sim coerência entre o discurso e a prática, e estamos aqui pra agir, não pra fazer discursos vazios – a ação e a nossa maneira de agir é parte intrínseca e inseparável do que somos. E por sermos libertárixs, não apresentaremos nunca uma proposta pronta, fechada e imutável; entendemos que o caminho se faz caminhando, que a construção é constante e permanente. E por sermos libertárixs, não vemos a realidade como um mero resultado das relações econômicas, mas sim como resultado de complexas relações de poder das diferentes esferas da realidade social. E por sermos libertárixs, quando olhamos ao nosso redor e vemos tanta repressão, inexoravelmente, levantaremos as mangas de nossa camisa, e iremos corajosamente a luta – até destruímos tudo o que nos oprime! Até construirmos uma sociedade igualitária e livre!

E por sermos libertárixs, somos também autônomos. Autônomos porque defendemos que os próprios movimentos devem definir seus destinos – os caminhos devem ser decididos por todxs do movimento e no movimento, não em gabinetes de partidos, empresas, governos, ou de qualquer outro tipo de organização e de instituição . Autônomos porque queremos ressaltar a importância da questão territorial nas lutas contestativas.

Por isto tudo, resolvemos nos empenhar neste projeto coletivo, e estaremos sempre abertos a todxs que quiserem ajudar na construção desta alternativa para o movimento estudantil.

**Lutar por uma outra universidade para construir uma outra sociedade!**

Rizoma, julho 2012

# Rizoma

Tendência Libertária Autônoma

## A QUESTÃO DE GÊNERO



*NOTA: A discussão a respeito de gênero e divisão sexual do trabalho é algo que foi se tornando cada vez mais presente em nosso cotidiano. Percebemos que é impossível uma real emancipação da humanidade sem passar por essa discussão dentro do meio libertário. Somos todos filhxs de nosso tempo, e é ilusório pensar que, apenas pelo fato de dizer-nos libertárixs, estaremos livres de milhares de anos de opressão e cultura machistas. Textos selecionados por LuzVermelha.*

## Síntese Introdutória à Teoria da Divisão Sexual do Trabalho

*Texto escrito por Aline Pizzol para formação de gênero com a tendência libertária e autônoma Rizoma.*

*Publicado em 7 de outubro de 2012.*

*“Ninguém nasce mulher,  
torna-se mulher”.*

*Simone de Beauvoir*

As condições em que vivem homens e mulheres não são produtos de um destino biológico, imutável e fatalístico, mas, antes de tudo são construções sociais.

As ideias que temos sobre o que significa ser homem e o que significa ser mulher são produzidas pela sociedade e reificadas pela universalização binária do que é entendido/aceitado como feminino e como masculino. A ideia que temos acerca dos ‘universos’ masculino e feminino decorrem da construção, que é social, de gêneros: o gênero masculino e o gênero feminino.

Para a humanidade a construção das categorias de gênero por si só, já é mais do que limitadora. Na medida em que se estabelece padrões de comportamento, de formas de agir, pensar e sentir, e atribui-se a um grupo de indivíduos determinados, específicas características humanas – que pertence a toda humanidade -, ou seja, é a imposição de uma forma de produção da totalidade de sua vida, isto significa condenar um grupo a uma única e exclusiva condição de existência, negando-lhe a possibilidade desenvolvimento de toda e qualquer potencialidade humana que fuja do padrão que lhe foi estipulado. Isto significa dizer que, se você nasce com uma vagina você será estimulada a desenvolver determinadas características como a docilidade, a paciência, a sensibilidade e seus gostos e interesses serão direcionados, a mesma coisa acontece com os homens, que por nascerem com um pênis serão agressivos, gostarão de carros e futebol, ocupando no futuro postos de trabalho ligados a todo esse universo. Já que a

construção de gênero masculino e feminino, de geração em geração, é transmitida pela educação, desde o nascimento, através de cores e brinquedos para cada sexo, na infância; padrões de conduta, na adolescência; e, que servirão como parâmetro para os comportamentos sociais, quando adultos. Esses valores humanos, separados de forma binária (homem/mulher) são os valores nos quais se baseiam a construção da identidade e a noção que o indivíduo possui de si mesmo e do mundo do qual faz parte. Trata-se, de a partir de uma diferença biológica, a diferença entre os órgãos sexuais, criar dois grupos sociais distintos, dois papéis sociais distintos: os homens e as mulheres.

Homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica: as relações sociais de gênero, que são desiguais e hierarquizadas, são relações de opressão e exploração. Isto se deve ao fato de todas as características do gênero masculino serem socialmente mais valorizadas, mais privilegiadas e entendidas como superiores em relação as características do gênero feminino.

As relações sociais entre os sexos, como todas as relações sociais, têm uma base, no caso essa base é o trabalho, e essas relações se exprimem através da divisão social do trabalho, aonde a divisão do trabalho entre os sexos é reconhecida como a primeira forma desta divisão .

A forma como a sociedade divide toda a atividade e todo o trabalho entre homens e mulheres é uma divisão sexual - do trabalho.



A divisão sexual do trabalho é a forma de divisão do trabalho social decorrente das relações entre os sexos, que tem como características a destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres a esfera reprodutiva, e simultaneamente, a apreensão pelos homens das funções de forte valor social agregado, como por exemplo as funções políticas, religiosas, sindicais, militares e etc.

Essa forma de divisão social do trabalho tem dois princípios de organização: o princípio de separação, já que existem atividades de homens e atividades de mulheres e; o princípio de hierarquização, já que o trabalho de um homem tem um status social superior e “vale” mais do que o trabalho de uma mulher. Esses princípios podem ser aplicados graças a um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista, que empurra o gênero para o sexo biológico, remetendo um suposto destino natural da espécie, isto porque naturaliza as condutas esperadas em relação ao masculino e ao feminino como se fossem inatas ao sexo, como se fossem naturais. No entanto, em um sentido oposto ao naturalista, uma das teorias da divisão sexual do trabalho vai afirmar que os papéis sociais atribuídos a homens e mulheres são construções sociais que resultam das próprias relações sociais.

Não mais que as outras formas de divisão do trabalho, a divisão sexual do trabalho não é um dado rígido e imutável, já que os aportes da história e de outras ciências do comportamento humano, demonstram que uma mesma tarefa, especificamente feminina em uma sociedade ou em um ramo industrial pode ser tipicamente masculina em outra, em outras palavras, ela varia no tempo e no espaço.

O que entendemos por gênero feminino e gênero masculino, enquanto um valor social, também determina as relações no trabalho assalariado. Além disso, as opressões de gênero é o fator responsável por uma maior precarização do trabalho feminino.

Os postos de trabalho feminino, por exemplo, estão intrinsecamente ligados ao que a sociedade entende como feminino, como papel social da mulher. Para ter certeza disso, basta olhar quais postos de trabalho ou profissões predominantemente executadas por mulheres em nossa sociedade.

As próprias condições de trabalho, possuem um caráter de maior exploração baseadas na construção do “universo feminino”, como por exemplo a repetição de tarefas simples e minuciosas em uma fábrica taylorista (já que a mulher foi reconhecida como quem mais produz no taylorismo/fordismo, justamente por ter sido estimulada pela educação a desenvolver determinadas habilidades que são tidas como naturais em relação as mulheres, e estas habilidades a transformarem em

“funcionário~padrão deste modelo de produção), ou o reconhecimento da aderência ao ritmo de trabalho de mulheres mães-solteiras que dependem do salário para sustentar seus filhos, ou a terceirização que em grande parte de suas atividades são executadas por mulheres, justamente por serem atividades naturalizadas como de mulheres, ou a mulher de melhor condição econômica quando contrata uma outra mulher em uma situação econômica muito pior que a sua, para trabalhar como doméstica em sua casa e etc. No mundo do trabalho assalariado somos nós mulheres, as mais vulneráveis a exploração, especialmente as mulheres pobres e negras.

A baixa remuneração do trabalho feminino ainda esta ligada a justificativa de que a mulher não possui qualificação para o trabalho, já que os atributos necessários para o posto de trabalho são reconhecidos como inatos e não adquiridos e, também ,porque esta qualificação não se dá a partir dos canais institucionais reconhecidos, mas sim através da educação direcionada as mulheres ou seja na esfera privada, aparecendo como uma aquisição individual e não coletiva.

Outras ideias, como por exemplo, a ideia de que a mulher é menos combativa, que dá menos importância a promoções, ou que sente menos a exploração que o homem pois ela ocupa uma função a qual exige atributos naturalizados como femininos, tudo isso também são ideias reproduzidas no trabalho assalariado. Isso, sem falar da violência moral/psicológica e da exploração sexual também, sofrida pelas mulheres no trabalho assalariado.

Do nascimento do capitalismo ao período atual, as modalidades desta divisão do trabalho entre os sexos, tanto no trabalho assalariado como no trabalho doméstico, se transformam e passam a ser utilizadas pelo capitalismo de forma consciente na sua própria reprodução, inclusive de forma ideológica. E a divisão de atividades entre os homens e as mulheres só pode ser pensada remetendo a uma série de outras relações sociais, como por exemplo, as relações de classe, a divisão internacional do trabalho e a divisão valorativa entre trabalho manual e intelectual. Até porque são relações integradas, que se misturam.

A exploração no trabalho assalariado e a opressão de sexo são indissolúveis, já que a esfera da exploração econômica –

ou das relações de classe – é, ao mesmo tempo, a esfera em que se exerce o poder masculino sobre as mulheres. E, mesmo dentro do seio da família as relações entre os sexos são pautadas em uma opressão e dominação sexual e, também, em uma exploração econômica, já que a mulher desempenha um trabalho gratuito, invisível, que não é para si, mas para os outros, que é justificado pela natureza, pela devoção materna e pelo amor romântico, que se traduz em sua dependência econômica ou em sua dupla e tripla jornada de trabalho.

Nesse sentido, a teoria da divisão sexual do trabalho procura analisar o trabalho na sociedade a partir da classe e do gênero, indo além das aparências e do senso comum, mostrando que o que é percebido como natural, assim o é simplesmente porque o condicionamento social é tão forte e, por isso é tão interiorizado pelas pessoas que se torna invisível, fazendo parecer natural o que não passa de cultural.

## **Consequências do binarismo presente na sociedade**

*Texto gatilho do debate de gênero que rolou no Terceiro Encontro de Estudantes Libertárixs, por Vivian Dias do Coletivo de Ação Social (Marília-SP).*

*“Todo ser humano fêmea não é necessariamente uma mulher, para ser assim considerada ela deve participar dessa realidade misteriosa e ameaçadora conhecida como feminilidade”*

*Simone de Beauvoir.*

Desde o nascimento somos individual e coletivamente condicionadxs a aceitar, incorporar e reproduzir características estereotipadas e advindas da divisão binária do ser humano. Diante disso, faz-se estritamente necessária a compreensão de que estas (pré) definições acerca do que é ser feminino e masculino são, antes de tudo, construções sociais e não determinações biológicas imutáveis.

Ao final do parto xs médicxs comumente dizem: “é uma menina” ou “é um menino”. Expressões como estas que, se isoladas, não fazem com que x bebê inevitavelmente se identifique com o gênero que lhe foi atribuído segundo seu aparelho reprodutor. O drama do gênero é uma performance repetida, ou seja, deve ser reencenado continuamente para formar um padrão.

No geral, o mundo está inserido na cultura de construção social da divisão binária do ser humano. Por isso é que existem as definições tão naturalizadas acerca dos padrões comportamentais do que é ser feminino e do que é ser masculino. Como se não pudesse haver mesclas destas características entre si. Como se uma mulher necessariamente tivesse que ser dócil, feminina, delicada, e todos os demais exemplos extremamente clichês acerca destas definições limitadoras. Por conta da problemática da naturalização que se dá social e culturalmente, esta divisão binária do ser é encontrada em basicamente todos os espaços e das mais variadas formas, no trabalho, nas relações pessoais, na família (até porque a mesma está pautada no patriarcalismo – que vem para reforçar e assegurar a inferiorização do feminino perante o masculino) e também dentro dos movimentos sociais, principalmente quando não há uma discussão, compreensão e prática das inúmeras questões ligadas ao gênero, ao feminismo e ao machismo.

Vivemos em uma sociedade onde as características atribuídas ao que é ser masculino, como por exemplo, a racionalidade, são extremamente valorizadas, respeitadas e pregadas à mil maneiras como características superiores aquelas tidas femininas, como a sensibilidade, a emoção, etc. Fato este que é utilizado como forma de controle, domínio e poder. Pois desde sempre, asseguram aos homens e a todxs aquelxs que possuem a característica da racionalidade dominante, um papel hierarquizado.

As funções intelectuais, como o pensamento estratégico, as falas públicas, dentre outros, costumam ser atribuídas majoritariamente aos homens, enquanto as mulheres ficam com tarefas básicas e braçais, como por exemplo, ouvir, respeitar, compreender, ajudar na limpeza, na cozinha, etc. Como se ambas as tarefas não pudessem e, de certa forma, deveriam ser feitas por qualquer ser, independentemente do gênero. Como se esta

mescla não devesse ser praticada a partir de nosso dia a dia, para nos ajudarmos mutuamente a desconstruir esta cultura binária, segregadora e hierárquica. Em muitos ambientes politizados, a divisão sexual do trabalho transparece nitidamente, saltando aos olhos de quem ousar criticar para ajudar a desconstruir esta naturalização tão completamente ilógica com ideais libertários, tão hierarquizada, polarizada, enfim, tão cruel.

Frequentemente é dito a nós mulheres que, para participarmos de espaços politizados devemos ser frias, racionais e não emotivas, sentimentais. Fala problemática esta já que reflete a naturalização do binarismo, pois subentendesse que mulheres possuem esta característica predominante, enquanto os homens não. Mas aí é que pergunto: Quando é que a construção social será, de fato, levada em conta para que haja uma maior compreensão quanto aos outrxs, para podermos agir e nos posicionar com responsabilidade?



*“O corpo se torna seu gênero através de uma série de atos que são renovados, revisados e consolidados através do tempo. Essa repetição é, inevitavelmente, uma reencenação e uma reexperiência de uma série de significados já socialmente estabelecidos”*

*Judith Butler.*



# Rizoma

Tendência Libertária Autônoma

CULTURA, COMUNICAÇÃO E LUTA



*NOTA: A falta de acesso a espaços culturais e meios de comunicação autônomos é uma questão bastante problemática dentro dos movimentos sociais brasileiros. Nesse sentido, buscamos reforçar nossas ferramentas de comunicação e replicação através de nosso blog e da luta constante ao lado dxs companheirxs da Rádio Várzea e do Sarau da Remo. Textos selecionados por LuzVermelha.*

**[rizoma.milharal.org](http://rizoma.milharal.org) – [varzea.radiolivre.org](http://varzea.radiolivre.org)**

**[facebook.com/navozavez.saoremo](https://facebook.com/navozavez.saoremo)**

## Um chamado a toda QUEBRADA!

*Escrito por Yuri Polvilho em ocasião da invasão da comunidade São Remo pelas forças do estado. Publicado em 2 de novembro de 2012.*

Pedirei, apesar do grande texto que escrevi, aos meus amigos não informados na totalidade acerca do que acontece na USP leiam:

Não creditem nada aos meios de comunicação que se empenham constantemente em deslegitimar a nossa querida, velha e sofrida periferia.

Os meios de comunicação possuem sim pessoas em seu comando e que cumprem um papel dentro de nossa sociedade hierarquizada e da divisão produtiva e social existente dentro de nosso território, ou seja, assim como qualquer discurso, não possuem neutralidade, acrescentando o fato de nas mãos da grande mídia esse discurso se portar como um interesse exclusivo objetivado em mascarar as verdadeiras relações das coisas.

Quanto ao "TÚNEL" encontrado na comunidade da São Remo, tenho toda a certeza de que se trata de mais uma jogada que já vem acontecendo há alguns meses, como interesse da Gestão do REITOR João Grandino Rodas, escolhido pelo governador Geraldo Alckmin --sim, o mesmo do Massacre do PINHEIRINHO e dos despejos violentos aos moradores ocupantes de imóveis abandonados do centro --, em total alinhamento com a política de/para ELITE do PSDB. RODAS pretende e já lança um projeto de "REURBANIZAÇÃO" da comunidade da São Remo, já relembrando a chegada de eventos internacionais como a Copa e Olimpíadas e a grande valorização de propriedades e terrenos no bairro do Butantã, que se expressa como um reflexo da ESPECULAÇÃO imobiliária em expansão sob os interesses das grandes Empreiteiras e Elites, tendo como objetivo a expulsão dos pobres das regiões de nova "centralidade".

Esse projeto de dominação não direciona-se simplesmente à São Remo, mas já ocorre em diversas comunidades da região oeste (Jaguaré e Rio Pequeno) e em

outras várias comunidades de São Paulo, pois na falta de um túnel existe o FOGO NO BARRACO. Sim, maninho, isso é sustentado pelo próprio governo que você acredita pensar em você, pobre, preto/índio, trabalhador ou estudante, migrante [ou filho] das periferias, ora apenas ameaçado pelo "não ter" e agora vítima da principal ferramenta de extermínio em massa, a polícia -- em especial a ROTA-- e o exército.

Essa é a maneira de como o Estado lida com os problemas sociais gerados pelo próprio sistema de desigualdade e contradições que defende (o capitalismo), através do massacre disfarçado em forma de "ordem" que se estabelecerá pela ROTA aos "favelados traficantes", e já percebo a tentativa da grande mídia em vincular a ampla questão do tráfico de drogas com as mobilizações estudantis na USP no ano passado, que tinha como primeiros objetivos a crítica à organização da universidade, que se baseia até hoje num estatuto criado em 1972, durante a ditadura militar, que delega poderes totais ao Reitor de punir e fazer o que bem entende -- inclusive gastar o dinheiro provindo dos impostos de toda a sociedade com um tapete persa de R\$30.000,00 e bebidas do mais alto luxo -- e tem desempenhado tal papel com louvor, tentando inconstitucionalmente expulsar aproximadamente cerca de 90 estudantes que lutam também pelo fim do VESTIBULAR, que excluirá a imensa maioria de vocês, estudantes da precária escola pública, e para que os cerca de 3 Bilhões recebidos anualmente pela USP do governo sejam utilizados para garantir a vocês, os poucos que conseguirão passar pelo "filtro social" representado pelo vestibular, tenham condições de concluir seus estudos e tenham sim auxílios para sua permanência estudantil, como moradia, alimentação, transporte e bolsas. Aliás, a respeito dessa questão da maconha, parte dos estudantes se propunha sim a dialogar sobre o tema, mas com o intuito de se apresentar soluções a essa questão complexa por vias do diálogo e da paz, vendo essa questão não como um caso de polícia, mas de políticas públicas.

Pois então, é chegada a hora de vocês também saírem da neutralidade e ou se juntarem a nossos irmãos históricos das senzalas e ocas, que agora habitam as periferias e prosseguem suas vidas rotineiras nos trabalhos e escolas públicas, que lhes esgota a psique e o físico, ou ao grupo seleta das elites brancas das quais jamais farão parte, a não ser em pensamento e comportamento.

Lembrem-se de que os direitos que temos hoje não vieram de nada, mas sim das lutas sociais encabeçadas por sindicatos, organizações populares, movimentos sociais e até por seu vô/vó, pai/mãe que ocuparam e construíram com seus próprios braços as casas que habitam hoje.

Precisamos de mais ousadia e organização da periferia frente ao poder que nos é imposto, seja ele de ordem econômica, política, cultural, ideológico, religioso e psicológico, representado hoje pelos inimigos históricos da periferia: O ESTADO e suas instituições (Polícia, tribunais, exércitos e etc.).

Fica apenas o salve de mais um negro também vindo das periferias, que por muita sorte, conseguiu infiltrar-se em meio a USP, lembrando sempre que hoje o "túnel" é na são remo, mas que amanhã pode aparecer na sua casa!

Salve,  
Yuri.



*A operação saturação e o sarau na nova sede da Ass. Moradores.*

## Somos comunicação, somos ferramentas de luta

Em diferentes contextos e lugares, os meios de comunicação comunitários, alternativos e populares cumprem a tarefa de ampliar e difundir as lutas, protestos e ações dos setores mais desfavorecidos da sociedade.

As Redes e meios de comunicação abaixo-assinados nos encontramos extremamente preocupadas com as diversas tentativas de calar as vozes de meios comunitários, alternativos e populares (CAP) em diferentes lugares do mundo.

Na Espanha, onde a crise europeia se manifesta provocando tanto o aumento do desemprego como dos impostos, a rádio Contrabanda FM, da cidade de Barcelona, foi forçada a encerrar suas transmissões e baixar sua antena; no caso de não o fazer, a sanção econômica giraria em torno de 100 a 200 mil euros. Anteriormente, no mês de maio, uma rádio comercial interferiu durante duas semanas na frequência da Contrabanda FM. Situação que também viveriam também os companheiros da Rádio Pica, Rádio Bronka e Rádio Línea, segundo informa a Coordenação de Rádios Livres da Catalunya.

Por sua parte, no Paraguai, o mesmo Parlamento que realizou um golpe de Estado contra o presidente Fernando Lugo sancionou uma nova lei de meios de comunicação, que traz como consequências, entre outras, a limitação das potências das rádios e possíveis sanções para as emissoras que transmitem sem autorização. Neste sentido, o novo diretor da CONATEL (órgão regulador) destacou que mais de duzentas rádios CAPs seriam confiscadas. Através da ação da polícia, o presidente de fato Federico Franco dispôs o fechamento do único canal público de TV por mostrar as manifestações dos partidários de Lugo.

No Brasil, é cada vez mais intensa a criminalização das rádios livre, comunitárias e populares. A possível interferência das rádios alternativas na comunicação aeronáutica – que nunca foi comprovada – é o principal argumento utilizado pela Anatel (Agência Nacional de Telecomunicações) e pela Polícia Federal para reprimir e atacar tais iniciativas de comunicação populares. Desde meados de 2008 até o momento atual, mais de 400 rádios

livres e comunitárias foram silenciadas por meio de fortes ações policiais. A ofensiva repressiva da Anatel fundamenta-se na legislação que hoje rege o sistema de comunicação social neste país, afirmada em um processo de concessão que beneficia apenas as emissoras de políticos e empresário, não garantindo meios democráticos e autônomos para a disseminação de uma informação livre de interesses capitalistas e para o exercício do direito social e humano à comunicação.

Na Argentina, houve casos pontuais de repressão e desocupação (Rádio El Algarrobo, Catamarca. Em várias oportunidades se tem denunciado, ante as autoridades responsáveis (AFSCA, CNC, entre outras), as interferências provocadas nos mídias CAPs (Giramundo TV, Mendoza, ou Rádio La Quinta Pata, Córdoba) pela ação de empresas multinacionais, entidades privadas e corporações com interesses afins ao governo que arbitrariamente ocupam o espaço radioelétrico. A isto se somam as irregularidades no processo de regulamentação da nova Lei de Serviços de Comunicação Audiovisual N° 26.522/09, a qual garante uma reserva de 33% do espectro radioelétrico para os meios CAP e que até o momento não se conseguiu implementar adequadamente.

Por tudo isso, exigimos o fim de interferências nos meios de comunicação comunitários, alternativos e populares; rechaçamos tanto o fechamento de qualquer emissora CAPs quanto as restrições administrativas, legais e financeiras que impossibilitam o funcionamento de nossas rádios.

Negamo-nos ao silêncio.

Se querem nos calar, nos multiplicamos.

Basta de interferência. Nenhuma rádio comunitária, alternativa e popular silenciada por dar informação e participação.

*Assinam este documento: Asociación Paraguaya de Comunicación Comunitaria (COMUNICA) – Paraguay; Asociación Nacional de Medios Comunitarios Libres e Alternativos (ANMCLA) – Venezuela; Red Nacional de Medios Alternativos (RNMA) – Argentina; Federación de Radios Comunitarias Del Uruguay (ECOS) – Uruguay; Radialistas Apasionadas y Apasionados – Ecuador; Rádio Várzea Livre – Brasil; Radio libre Contrabanda de Barcelona – España.*

## Sarau Na Voz a Vez

*Escrito por Claudio Laureatti para o Sarau da Remo – Na voz a vez  
– e publicado em setembro de 2012.*

O problema não é o mundo. São os muros

O problema não é a seca. São as cercas

O problema é que o muro diz algo deselegante do vizinho

Cansei de abrir muro na marreta

Mas como pedir ao muro licença?

Os muros das casas são altos  
para não deixar ninguém entrar

Os muros das prisões são altos  
para não deixar ninguém sair

Muro baixo para quem está fora

Muro alto para quem está dentro

Murros não derrubam o invisível muro  
se cada um se fechar em seu mundo

Do outro lado do morro  
preso no engarrafamento do rádio

Do outro lado do mundo  
prisão de muros e murmúrios para mim

Do outro lado do muro  
preso no apartamento com televisão

Sonhei que posso passar spray  
nas pedras do muro das casas do mundo

No meio do muro tinha uma árvore

Ser muro onde o morro desabou grave

Gatos caem dos muros altos dos outonos

Outras primaveras outras rosas outros donos

Prefiro ser ponte ser morro ser tudo

ser nada cercado ser muro

onde moro onde esmurro onde rascunho palavras

no muro na grama na calçada

Claudio Laureatti

